

“Religião Insaciável” – o caso do jornal católico “A Cruz”

Lorenzo Souza Maximiano; Rodrigo Costa Vieira;
Thiago Ferreira de Sousa¹
(Orientador: Alexandre Medeiros²;
co-orient.: Everaldo Rodrigues de Moraes³)

Resumo: Este artigo contém duas partes. A **parte I** estuda um tipo especial de fanatismo religioso: o “Catolicismo Insaciável” (Evangelicalismo Insaciável ou Religião Insaciável), expressão cunhada pelo filósofo espanhol Julián Marías. Afirma (como a maior parte do mundo islâmico) que, em última análise, a fé cristã deveria governar mais ou menos diretamente o mundo: cultura, política etc. (como podemos ver no Brasil hoje). É uma perigosa ameaça para o estado laico e para a democracia. O artigo mostra alguns exemplos da *Weltanschauung* (visão de mundo) do jornal católico, “A Cruz” (fundado em 1919 e que durou até os anos 70) praticou sua “insaciabilidade”. A **parte II** examina especificamente a instância emblemática de como “A Cruz” considerou o “Fenômeno Beatles” e alguns outros casos culturais.

Palavras Chave: fanatismo religioso. “catolicismo insaciável”. Jornal “A Cruz” (RJ). estado laico. The Beatles.

Abstract: This article has two parts. The **part I** studies a special kind of religious fanaticism: the “Insatiable Catholicism” (Insatiable Evangelicalism), expression coined by the spanish philosopher Julián Marías. It claims (like the most of Islamic world) that in the final analysis Christian faith should more or less directly rule the world: culture, politics etc. (as we can see in Brazil nowadays). It is a dangerous threat to secular state and to Democracy. The article shows some examples of the *Weltanschauung* of the Catholic newspaper, “A Cruz” (founded in 1919 and alive until the 70’s) has practiced for decades its “insatiability”. The **part II** examines specifically the emblematic instance of how “A Cruz” had considered “The Beatles Phenomenon” and some other culture cases.

Keywords: religious fanaticism. “insatiable catholicism”. newspaper “A Cruz” (RJ). secular state. The Beatles.

Parte I

Introdução

Ultimamente, estamos vendo pessoas de religião cristã, cada vez mais, afirmarem que “O Estado é laico, mas não é ateu”. Em nome desse pressuposto, fazem exigências, ameaçam e montam estratégias de participação eleitoral e propagandas políticas que usam o nome de Deus e partes da própria Bíblia para conseguir votos de cidadãos com a mesma crença (MIRANDA, 2013).

Em outras palavras, as religiões usam o nome de Deus para benefício próprio e, como estamos presenciando nos últimos anos, para benefícios eleitorais (RANQUETAT JR., 2009).

A separação Igreja-Estado ocorreu a 7 de janeiro de 1890 pelo decreto 119A que extinguiu o Padroado existente desde o período colonial e que após a Independência foi incorporado à Constituição de 1824. De acordo com o historiador Marco Antonio Villa:

¹. Alunos do 3º. ano do Ensino Médio do Centro de Estudos Júlio Verne.

². Pós-Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – FEUSP;

³. Licenciado em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC;

Até então o Estado —entenda-se, o Imperador – controlava a Igreja – leia-se, a Católica, considerada também religião oficial; e a Constituição de 1891, no artigo 72, confirmou o decreto. Desde então ficaram estabelecidas a liberdade religiosa e a dissociação entre Estado e as denominações religiosas. A Constituição de 1988, no artigo 19, inciso I, referendou a nossa tradição constitucional republicana. Contudo, o governo Bolsonaro transformou as denominações evangélicas em igrejas oficiais, tendo privilégios e benefícios que violam a Constituição. Chegou a afirmar, dias atrás, de que governaria para os pastores e faria o que eles pedissem. Não faltam exemplos de uso da estrutura de Estado para defender interesses de igrejas evangélicas tanto aqui como no exterior. O caso envolvendo a Igreja Universal e o governo de Angola é apenas um entre tantas ações que infringem a Constituição⁴.

Nesta Parte I, procuraremos mostrar os pontos de aproximação entre o Estado e a Religião e, em alguns casos, uma verdadeira mistura tóxica. Iniciaremos com algumas notícias atuais e depois viajaremos no tempo até 1919 com o Jornal *A Cruz*. Sempre buscando evidências desta “religião insaciável”.

1. “*Catolicismo insaciável*” (evangelicalismo insaciável)

Em inflamado discurso em Campina Grande (8 de fevereiro de 2017) o então candidato à presidência da República Jair Bolsonaro declarava abertamente:

Como somos um país cristão, Deus acima de tudo. Não tem essa historinha de Estado laico não: é Estado cristão.

E a minoria que for contra, que se mude. Vamos fazer um Brasil para as majorias; as minorias têm que se curvar para as majorias” (...) As minorias se adequam [sic!] ou simplesmente desapareçam⁵.



<https://www.youtube.com/watch?v=Cs0ISzdzZF0>

Em junho de 2021, a Secretaria da Cultura do Governo Federal vetou o auxílio da Lei Rouanet para o festival de Jazz da Bahia. Qual o motivo? De cara, o texto chama a atenção pelo tom religioso que permeia todo o parecer, com citações que relacionam a música a uma forma de arte divina. Logo abaixo do título “parecer técnico”, no começo do documento, há a seguinte citação: “O objetivo e finalidade

⁴ UOL, <<https://noticias.uol.com.br/colunas/marco-antonio-villa/2022/03/23/depois-do-bolsolao-do-mec-so-falta-um-aiatola-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola>>, acessado em 25/03/22

⁵ <<https://www.youtube.com/watch?v=Cs0ISzdzZF0>> Acesso em 16/2/22)

maior de toda música não deveria ser nenhum outro além da glória de Deus e a renovação da alma”, atribuída a Johann Sebastian Bach (VEJA, 2021).

Em novembro de 2021, Bolsonaro expurgou do Palácio do Planalto o quadro “Orixás” da pintora Djanira.



https://twitter.com/mam_rio/status/1297886014040662017

O Presidente mandou substituí-lo no Salão Nobre pelo enorme painel – de qualidade artística indubitavelmente inferior – “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” do pintor Heinz Friederich Budweg.



www.poder360.com.br/brasil/planalto-inaugura-painel-brasil-acima-de-tudo-deus-acima-de-todos/

A declaração de Bolsonaro em Campina Grande e as decisões que mencionamos acima, nos remetem ao ponto de vista de nossa análise (entre outros possíveis): o fecundo conceito de “religião insaciável” (“*catolicismo insaciable*”), cunhado pelo grande filósofo espanhol Julián Marías (1914-2005).

Marías foi um católico exemplar, mas brutalmente perseguido pela ditadura franquista, oficialmente católica, desde o fim da Guerra Civil espanhola, em 1939, até a morte do ditador em 1975. Perseguição que incluiu arbitrária prisão e inúmeros boicotes à sua atividade acadêmica e intelectual⁶. Na época, o Ministério da Educação era ironicamente chamado de *Monasterio de la Educación*.

Na verdade, Marías, genuinamente católico (mas não do modo como a ditadura franquista queria...) foi:

el primer pensador español llamado por Juan Pablo II para ser miembro del Pontificio Consejo de la Cultura en Roma, cargo que ocupó merecidamente desde 1982 hasta 1992⁷.

Apresentemos, desde já, nosso referencial teórico e a bibliografia básica: “*Catolicismo insaciável*”: *dos dogmas às representações sociais* (LAUAND & HIROSE, 2012), *Problemas para uma educação católica no século XXI* (LAUAND &

⁶ < cf. por exemplo <https://www.personalismo.org/julian-mari%C2%ADas/>> acessado em 16/02/22

⁷ < <https://www.personalismo.org/julian-mari%C2%ADas/>> acesso em 16/2/22

HIROSE, 2017), *Estado laico, doutrinas religiosas, cidadania e educação* (FISCHMANN, 2016), *A Álgebra como ciência árabe* (LAUAND, 2007) e *Sobre el Cristianismo* (MARIÁS, 1998). Além, é claro, da Coleção completa do jornal católico “A Cruz”, que se encontra na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - BN. Para facilitar a leitura do texto, sem perder a exatidão da fonte, faremos uso das notas de rodapé para informar o link onde se encontra a citação no site da Biblioteca Nacional.



(Frontispício do número inaugural do jornal “A Cruz”

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pasta=ano%20191&pesq=A%20Cruz&pgfis=1>)

O heurístico conceito de “*catolicismo insaciável*” foi criado em 1952 por Mariás em um artigo (publicado na Argentina...), em plena ditadura franquista, com o sugestivo título “Dios y el César!” (in: Mariás 1998, pp. 42-53).

A referência a César remete à célebre sentença de Cristo: “A César o que é de César; a Deus, o que é de Deus” (Lc 20, 25). O verdadeiro cristão reconhece que a religião não pode impor à sociedade, dogmas meramente políticos, educacionais, estéticos etc. e ele deve defender suas posições nesses (e em tantos outros campos) sem invocar indevidamente a autoridade da Igreja a seu favor. É a insaciabilidade a que se refere Mariás. Após listar diversos abusos nesse sentido, Mariás conclui:

Tudo isto procede de um espírito, frequente em nosso catolicismo espanhol, mas que não tem nada que ver com o catolicismo como tal, que se poderia chamar de “insaciabilidade”. Há na Espanha, excessivas pessoas que não se contentam com que alguém seja católico; não lhes basta que se creia nos artigos da fé, que se recebam os sacramentos e que se cumpra, na medida do possível, o Decálogo. (Mariás, 1998, p. 51)

Lauand (2017) comenta:

É o que o próprio Mariás chama de **aderências** [grifo nosso]: não se contentam com o Credo (ao qual ajuntam dezenas de dogmas políticos, educacionais etc.), os sacramentos e os mandamentos: são insaciáveis! É necessário, além disso, prossegue Mariás, opinar que o único catolicismo autêntico é o deles, é necessário adotar certas posições políticas, com as quais não se sentem solidários católicos de outros países; é necessário crer em uma série de “dogmas” que nada têm que ver com o catolicismo. Instalam assim, um “sistema de exclusões”, que

exclui quem não professa esse “catecismo” e acabam causando enorme mal para a própria Igreja:

Recolhemos a seguir, um par de exemplos que Lauand e Hirose apresentaram de diversos casos de recentes aderências (em grupos de discussão da Internet) por parte de insaciáveis setores católicos (*in* FISCHMANN, 2016).

[Diz o moderador de um grupo de Católicos:]

Acho que você, pelas asneiras que fala [defesa do Estado laico], não sabe que todo Católico deve considerar a Monarquia objetivamente como a melhor forma de Governo (...). E o Estado tem sim todo o direito de utilizar o nome de Deus para justificar uma decisão a favor da Moral e da Fé. Não se engane, todo o poder não emana do povo.

[Enquete proposta ao grupo de discussões] Católico vota contra a Igreja Católica? (Como Católico, você votará no PT mesmo sabendo que ele quer acabar com a Igreja Católica?)

Lauand e Hirose (*in* FISCHMANN, 2016, pp. 191-215) mostram também como esgrimem tese pseudo-científicas em favor das posições “de Deus”, como escolas separadas para meninos e meninas; ou até distorções fraudulentas de um bispo para apresentar “em nome da ciência”, a ineficácia dos preservativos” para prevenir a AIDS. E há defensores, em nome da religião, de tantas outras questões laicas: redução da maioria penal, porte de arma etc.

A mistura de Religião & Estado estão presentes em todo o espectro do governo atual. Um exemplo que podemos verificar é a “canonização” e “martirização” do presidente, tomando como base o atentado por ele sofrido em 06/09/2018.



<https://politica.estadao.com.br/blogs/neumanne/bolsonaro-e-humano-nao-martir/>

A própria utilização das imagens no leito hospitalar é uma tentativa de sacralizar os eventos. José Nêumanne, em sua coluna do jornal O Estado de S. Paulo, faz notar que a publicação da foto de Bolsonaro evoca:

...a tela Cristo Morto de Mantegna na Brera, em Milão, e do Che morto na Bolívia é uma aposta na martirização, que deu certo com a facada durante a campanha (2021).

Seu governo está repleto de sinais que demonstram a mistura tóxica entre Religião e Estado. A ministra Damare Alves (Ministério da Mulher, Família e

Direitos Humanos) voltou a declarar em formato de crítica, que a princesa Elsa, personagem principal do filme Frozen, da Disney, terminou a trama sozinha em um castelo de gelo porque é lésbica. Ela ainda afirma que Elsa “vai acordar a Bela Adormecida com um beijo gay”. No fim do vídeo, Damares termina advertindo que o “cão [demônio] está muito bem articulado”⁸.



(<https://www.youtube.com/watch?v=gkcq2n8KkEk>)

Bolsonaro em 2019, afirmou que indicaria um Ministro terrivelmente Evangélico como Juiz do STF. O indicado foi o Pastor André Mendonça.



(<https://www.youtube.com/watch?v=DeGUJ728B08>)

Em 2022 prosseguiram as cenas de mistura espúrea entre Estado e Religião.

Bíblias distribuídas com fotos de Ministro, Prefeito e Pastores amigos do Presidente da República. Nesse mesmo *imbroglio* do MEC, a nação tomou conhecimento de gravação – divulgada pela Folha de S. Paulo – do Ministro da Educação Milton Ribeiro, dizendo que, em relação ao repasse de verbas para municípios, o presidente pediu para atender amigos do pastor Gilmar.



(<https://www.metropoles.com/brasil/em-audios-milton-ribeiro-diz-que-apoia-pastores-a-pedido-de-bolsonaro>)

⁸Uol notícias 12/05/2019 - <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/05/12/em-nova-polemica-damares-diz-que-elsa-de-frozen-e-lesbica.htm?cmpid=copiaecola> – acesso em 2022

De acordo com o Portal G1:

Os dois pastores supostamente favorecidos na distribuição de verbas do Ministério da Educação são personagens que mantêm vínculos com membros do governo. Em gravação divulgada pelo jornal Folha de S. Paulo, o ministro da Educação, Milton Ribeiro, afirma: “Minha prioridade é atender primeiro os municípios que mais precisam e, segundo, atender a todos os que são amigos do pastor Gilmar”, conforme, segundo disse, pedido do presidente Jair Bolsonaro⁹.

Bastem essas amostras para percebermos que estamos vivendo uma estreita ligação entre Estado e a Religião “*insaciable*”, sem falar nos dogmas culturais e estéticos, dos quais fala Mariás da Espanha de sua época (1952) e que podemos aplicar a nós em nossos dias (2022):

[para o catolicismo insaciável...] hay que creer que Balmes es un gran filósofo, que la solución de los problemas españoles está ya en los libros de Menéndez Pelayo; tiene que preferirse la poesía de Gabriel y Galán a la de Jorge Guillén; hay que pensar que el arte español es necesariamente realista, que Amor Ruibal es más importante que Unamuno, que es mejor pintor Gonzalo Bilbao que Picasso [etc. etc.] (1988, pp. 51-53).

Não cabe a nós aqui, a discussão filosófico-teológica sobre a independência do Estado em relação à(s) Igreja(s) (nem muito menos em seus matizes), o que deixamos por conta da bibliografia que apresentamos. Focaremos na questão da insaciabilidade – analisando o caso do Jornal “A Cruz” – em exemplos claros desses abusos. Para resumir essa posição de independência do cristianismo, em contraste com a posição do Islam, baste-nos recordar o caso emblemático de Cristo e a herança, assim apresentado por Lauand (2007, pp. 89-90)

(...) E aí temos já um primeiro condicionamento histórico-cultural, próprio do Islam, no qual o caso da herança é emblemático. Trata-se da sólida união que se dá no Islam entre a ordem religiosa e a temporal. Por coincidência, o mesmo problema da herança (para o muçulmano, sob a legislação direta de Allah) é proposto a Cristo. Cristo, que declara - algo impensável na visão muçulmana - “A César o que é de César; a Deus o que é de Deus”, recusa-se a estabelecer concretamente os termos da herança. Trata-se de um episódio evangélico *aparentemente* intranscendente: “um da multidão” aproxima-se de Cristo e faz um pedido: que Jesus use Sua autoridade para convencer seu irmão a repartir com ele a herança (Lc 12, 13 e ss.). Para surpresa daquele homem (e contrariando a mentalidade antiga e a oriental, que uniam o poder religioso a questões temporais...), Cristo recusa-se terminantemente a intervir nessa questão: “Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro de vossa partilha?” (Lc 12, 14). O máximo a que Cristo chega é a uma condenação genérica da cobiça, contando a

⁹ G1 - <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/03/22/quem-sao-os-pastores-cujos-pedidos-bolsonaria-teriam-mandado-ministro-da-educacao-priorizar.ghtml>, acessado em 24/03/2022.

esses irmãos a parábola do homem rico cujos campos haviam produzido abundante fruto e com o célebre convite à contemplação dos lírios: “Olhai os lírios do campo...”.

Bem diferentes são as coisas no mundo muçulmano. Roger Garaudy, no capítulo “Fé e Política” mostra como a *tawhid* (unidade, dogma central islâmico) muçulmana se projeta sobre a política, o direito e a economia: “Deus é o único proprietário e ele é o único legislador. Tal é o princípio de base do Islam em sua visão de unidade (*tawhid*)”¹⁰.

Garaudy tem razão ao afirmar que [...] é inegável, também, que a visão muçulmana tem favorecido uma forte e arraigada teocracia própria e não por acaso o chefe político se intitula *ayyatullah*, “sinal de Deus”.

2. A Igreja Matriz de São João Batista de Botafogo (Lagoa) e seu jornal “A Cruz”

Na Parte II examinaremos um caso emblemático de “catolicismo insaciável”, praticado, ao longo de décadas, pelo importante jornal católico “A Cruz”. Aqui falaremos um pouco da importância da Igreja Matriz que o publicava.

A própria história da paróquia, lembrada algumas vezes no próprio jornal “A Cruz”, mostra detalhes da união Religião e Estado.

Em novembro de 1808, moradores dos bairros da Lagoa, de Botafogo e do restante da então pouco habitada Zona Sul, fizeram uma petição ao recém-chegado príncipe Regente para que uma igreja fosse erguida na região.

D. João VI, em 1809, resolveu então que se fundasse a paróquia de São João Batista na cidade do Rio de Janeiro. Por alvará de 15/5/1809 foi criada a nova paróquia, tendo por limites a Praia de Botafogo até o Sítio Tijuca¹¹. Que abrigaria fiéis da Lapa até a Gávea, comportando toda a Zona Sul, sendo considerada a primeira Igreja “mãe” da região. O pioneirismo histórico também se deu porque foi a primeira igreja oficializada no período em que a Família Real governou o Brasil. “*O nome da Igreja não é em homenagem ao São João, mas para celebrar Dom João VI*” destaca o historiador Milton Teixeira¹².

Temos aqui dois elementos. **Religião:** Bispo D. José Caetano da Silva Coutinho. **Estado:** Príncipe Regente de Portugal D. João VI, rei do Reino Unido de Portugal – Brasil. A partir desta união, nasce a **Igreja Matriz de São João Batista de Botafogo (Lagoa) e seu jornal “A Cruz”**¹³, que será explorado na Parte II e que muito nos ajudará a compreender concretamente as religiões insaciáveis.

Sendo assim, pretendemos mostrar um pouco da história do jornal “A Cruz”, órgão da referida paróquia, pois este constituiu, ao longo de suas décadas de existência, um emblemático caso da religião insaciável (no caso, o “catolicismo insaciável” de que fala Julián Marías). Por razões de delimitação, vamos nos restringir a como, na década de 60, o jornal contemplou o surgimento do fenômeno “The Beatles” e – somente para ilustrar – algumas amostras de outros setores culturais (OLIVEIRA, 2019)

¹⁰. Garaudy, Roger *Promessas do Islam*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 70.

¹¹ <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=%22Joaquim%20Marques%20Batista%20de%20Le%C3%A3o%22&pagfis=6072> – Acervo da Biblioteca Nacional

¹² <https://diariodorio.com/historia-da-igreja-que-foi-criada-para-encurtar-distancias/>

¹³ <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=%22Joaquim%20Marques%20Batista%20de%20Le%C3%A3o%22&pagfis=11562> – Acervo Biblioteca Nacional
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=%22Joaquim%20Marques%20Batista%20de%20Le%C3%A3o%22&pagfis=11636> – Acervo Biblioteca Nacional

Parte II

1. O jornal “A Cruz”

Nesta parte II, pretendemos mostrar um pouco da história do jornal “A Cruz”, órgão da referida paróquia, pois este constituiu, ao longo de suas décadas de existência, um emblemático caso de “catolicismo insaciável” (Julián Marías). Por razões de delimitação, vamos nos restringir a como, na década de 60, o jornal contemplou o surgimento do fenômeno “The Beatles” e – somente para ilustrar – algumas amostras de outros setores culturais, deixando de lado o campo principal, analisado tematicamente por Oliveira (2019). Dele, recolhemos alguns dados sobre o surgimento de “A Cruz”, fundado em 1919 pelo Vigário Cônego Dr. André Arcoverde. Diz OLIVEIRA (2019):

“A Cruz”: um jornal que deve ser lido pelo bom cristão

Falando um pouco sobre a gênese do jornal “A Cruz”, ele teve sua primeira edição publicada no dia 21 de setembro de 1919 e contava com 04 páginas, sendo publicado quinzenalmente como órgão da paróquia de São João Batista. O periódico nasceu tímido e concentrava suas páginas nas questões eclesiais. Ao longo dos anos o periódico passará por uma série de transformações e adequações. O editorial de abertura da primeira edição nos deixam claras as intenções do periódico e qual sua função inicial, vejamos:

“[...] Alguém me disse que as obras paroquiais não melhoram de sorte porque eu não as propago. Pode ser. Porém não seja d’agora por diante, serei um propagandista de força. E é por isso que publico “A Cruz”. Ela embora muito modesta, terá a missão sublime de pregar a caridade por todos os recantos desta paróquia, lembrando a cada um suas obrigações para com os pobres, e pedindo aos nossos capitalistas que, pelo amor de Deus, da pátria e de seus entes mais queridos, abram generosamente suas bolsas em favor dos que sofrem as crueldades da ignorância, da fome e das moléstias.”

O fundador de “A Cruz” era muito ativo e influente nos meios católicos cariocas – ele era nada menos que sobrinho de seu bispo, D. Joaquim Arcoverde, o famoso Cardeal Arcoverde, primeiro purpurado da América Latina – sacerdote muito acompanhado pela imprensa. Por exemplo, o jornal “A Noite” publica em sua edição de 2-11-1918¹⁴, uma longa lista de vultosos donativos que o “Rev. Vigário Cônego André Arcoverde tem recebido para socorrer os pobres de sua paróquia (Botafogo)”. Donativos que lhe permitem distribuir alimentação farta (“alem de outros socorros”) a 1600 pessoas necessitadas. Encabeçam a lista, caridosos ricos como Guilhermina Guinle e Guilherme Guinle e constam também empresas como Indústrias Armour, a Confeitaria Colombo etc.

Sobre as diferentes fases históricas de “A Cruz”, prossegue Oliveira (2019):

A partir de 1922, o jornal “A Cruz” vai passar a contar com publicações semanais e não mais quinzenais e vai passar de periódico paroquial a arquidiocesano no mesmo ano. [...]

¹⁴. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_01&pesq=%22Conego%20Andr%C3%A9%20Arcoverde%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=13812

Na década de 1930 o mesmo já contava com uma publicação semanal, sendo produzido “sob os auspícios da confederação católica do Rio de Janeiro” e trazendo em suas páginas não somente as questões eclesiais mas também discussões políticas, sociais e culturais de interesse da Igreja Católica.

Esse conjunto de mudanças presentes no jornal “A Cruz” ao longo dos anos nos mostram que esses periódicos se amoldavam aos discursos e interesses católicos vigentes. Sendo assim, nos parece lógica a posição tomada por esse periódico na década de 1930, na qual, assumiu uma posição de combate aos ideais da modernidade e se colocou como um difusor das demandas políticas do projeto da Neocristandade.

O jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro foi um dos mais proeminentes representantes da ‘boa imprensa’ católica, contribuindo de forma fundamental para a difusão de um discurso católico que buscava combater inimigos como o comunismo e os próprios ideais da modernidade, configurando-se como reprodutor de um discurso antimodernismo com destaque para o anticomunismo que possuía grande espaço nas folhas do jornal (OLIVEIRA, 2019).

2. Um paradoxo da “religião insaciável”

Fiel a seu ideal de Neocristandade – isto é, o ideal de a Igreja influir (ou dominar...) a esfera pública: a política e a cultura –, “A Cruz” exercerá um minucioso julgamento, do qual não escapará de condenação, nenhuma realidade cultural ou artística que, segundo os critérios ultraconservadores do jornal, representem um perigo para a religião: “A Cruz” exercerá o “catolicismo insaciável”.

Lauand (2017) aponta uma das principais raízes do fundamentalismo religioso: o medo.

Outra chave para compreender o cristianismo insaciável é seu medo. Suspeitosos, sisudos e patrulhadores por natureza, acionam o alerta vermelho ante qualquer fenômeno social ou cultural que, pelas suas representações sociais, violam os desígnios de Deus (por exemplo, ainda há poucos anos, diversos setores católicos e evangélicos uniram-se em autêntica cruzada contra Harry Potter (!), satanizado como se o personagem fosse anti-cristão).

E indica a genial observação de Perissé (2007): o paradoxo de que o fanatismo religioso é, no fundo, um ateísmo!

O ateísmo reside, disfarçado, atitude secreta mas ativa, no cerne de todo fanatismo religioso (...) e há algo que os fanáticos não podem dissimular por muito tempo: o seu ateísmo.

Todo fanático religioso termina recriminando a Deus. Impaciente com a bondade divina, chateado com a misericórdia de um Deus não-fanático, o fanático gostaria de criar um novo Deus, à sua imagem e semelhança. Um Deus mais engajado, mais atento, mais preocupado com os desmandos do mundo. (...)

A obra fanática sonha recriar o mundo. Não entende como Deus pode ter sido tão descuidado, deixando tantas heresias proliferarem como

moscas. Os fanáticos, reunidos semanalmente, olham para as estatísticas e planejam dar umas férias para Deus tão incompetente. Já tentaram conversar com Deus. Numa boa. Rezaram longamente, implorando que Deus abrisse os olhos, colocasse um ponto final neste caos. Inutilmente. Deus parece estar brincando de Deus. Não se leva a sério nem leva a sério os seus fiéis servidores. Por isso, a obra fanática tomou uma decisão histórica. A partir de agora, queira Deus ou não, vamos assumir tudo por aqui. Sem alardes, mas com profissionalismo. Chegou o momento de pôr ordem no barraco. Se Deus perdeu a compostura, cabe aos homens de bem assumir o comando. Cabe à obra fanática, a última coisa coerente e bela neste mundo sem rumo, recolocar a humanidade nos trilhos. Se Deus quiser aproveitar a oportunidade, ótimo. Se preferir continuar fingindo que está tudo bem... problema dEle! (PERISSÉ, 2007)

3. O jornal “A Cruz” e o julgamento da cultura e das artes

Se na Espanha franquista, oficialmente católica, a “igreja insaciável” julgava todas as manifestações culturais e artísticas – desvalorizando figuras geniais como Picasso ou García Lorca – no Brasil, o catolicismo insaciável fazia o mesmo para nossos trópicos.

Antes de apresentarmos as referências de “A Cruz” aos Beatles, vejamos algumas amostras de outros “dogmas” que o jornal tentava impor.

Em sua edição de 16-4-1939, um longo artigo celebra a inteligência e o brilhantismo de um obscuro literato “deles”, “do bem”, um tal Pe. Pio Ottoni Jr., autor de um livro de contos “em contraposição à literatura imunda do sr. Jorge Amado e do sr. Lins do Rego (...) para substituir os livros perniciosos e bolchevizes do sr. Monteiro Lobato”¹⁵.

O ódio contra Jorge Amado é uma constante. Em 23-5-1948, encontramos: “(Jorge Amado) tem sua filiação exclusiva na literatice de pocilga, difundida no Brasil nos últimos anos por certas editoras yankees”¹⁶

O Pe. Artur Costa (edição de 24-2-1952) um dos mais constantes articulistas de “A Cruz” (e um dos mais fanáticos) enfurece-se contra os modernistas e contra um crítico que ousou dizer que Portinari (“os aleijões de Portinari”) é a mais legítima expressão de arte na pintura e que Murilo Mendes é o maior poeta nacional. Aliás, Picasso é tão detestável quanto Portinari (edição de 14-5-1953)¹⁷.

Outro dos mais constantes (e fanáticos) articulistas de “A Cruz”, Pe. Luiz Gonzaga da Silveira D’Elboux, na edição de 19-4-1970, ataca um material de Catequese publicado por um órgão da CNBB (infestada de comunistas), porque ao

¹⁵. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=%22jorge%20amado%22&pagfis=4861>

¹⁶ BN,

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=%22jorge%20amado%22&pagfis=7600>> ,
acessado em 09/05/2022

¹⁷ BN, <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=Portinari&pagfis=8624>> , acessado em
09/05/2022

lado da Sagrada Escritura, coloca textos “de Teilhard, do Pequeno Príncipe (...) de Vandré, de Roberto Carlos, de Chico Buarque de Holanda e de outros imorais”¹⁸.

Aliás, o Pe. D’Elboux (ed. 31-1-1971) chega a surtar com a profanadora canção “Jesus Cristo” de Roberto Carlos, clamando pela intervenção do Governo Médico (Ditadura Militar): “Se a Censura Policial não proibir, será êle cantado no Carnaval”.

O já citado Pe. Artur Costa foi autor de cerca de 400 artigos em “A Cruz” (até sua morte em 1958) e fundador da coluna “Um pouco de tudo”. Era tão emblemático para o jornal que, mesmo depois de sua morte, a coluna passou a ter por subtítulo “Fundada pelo Pe. Artur Costa”. Nessa sua coluna em 15-11-1953, o padre saboreia seu modo agressivo de ser: “Sou irônico, sarcástico e demolidor. (...) Sou demolidor porque não aceito como expressão de arte as crônicas ridículas de Raquel de Queiroz, os versos capengas de Augusto Frederico Schmidt (...)”¹⁹.

Assim, para o insaciável jornal, o católico, além de crer no Pai, Filho e Espírito Santo, na Encarnação do Verbo etc., deve professar como dogmas que escritores e artistas como: Jorge Amado, José Lins do Rego, Portinari, Raquel de Queiroz e até Saint-Exupéry e seu Pequeno Príncipe..., são medíocres e perniciosos.

4. A inquisição de “A Cruz” contra os *Beatles*

A primeira referência aos Beatles em “A Cruz” dá-se no artigo “Beatlemania” de 17-5-1964. Sem nenhuma alusão ao talento musical do quarteto, simplesmente alerta que “a coisa” vai chegar ao Brasil: “Quatro cançonetistas britânicos que já conseguiram fazer perder aos adolescentes de seu país, toda a noção de dignidade caracteristicamente britânica”. As cabeleiras e as “cançonetas excêntricas” são “um escárneo aos tempos que estamos atravessando”²⁰.

Para os fundamentalistas, vale tudo para desmerecer aqueles que eles elegeram como inimigos da religião. Não hesitam em valer-se de *fake news*. Em 11-7-65 o jornal traz uma absurda “notícia” de que os Beatles (“uma invenção das agências publicitárias”) foram recebidos pelos jovens de Viena com bolas de neve e um cartaz que dizia “Estamos na terra de Mozart, não desejamos animais aqui”²¹.

O tempo passa e o ódio continua: em 29-9-65, lemos: “Os ‘Beatles’ com suas gaforinhas e extravagâncias, que ludibriaram os papalvos de numerosos países do mundo”²². Na edição de 22-5-66, lamenta que entre a juventude e a mocidade há aqueles que “entregam-se a espetáculos exóticos e sem sentido, como os Beatles”²³.

Em 5-6-66, pela enésima vez criticando os “cabelos longos”, o jornal diz: “Aí temos os Beatles (...) a esses, sim, podem ser aplicadas as ‘ideias curtas’ [alusão ao

¹⁸ – Acervo Biblioteca Nacional BN, <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pasta=ano%20197&pesq=%22Chico%20Buarque%22&pagfis=15881>> , acessado em 09/05/2022

¹⁹ – Acervo Biblioteca Nacional <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=%22Graciliano%20Ramos%22&pagfis=9356>>

²⁰ – Acervo Biblioteca Nacional <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=Beatles&pagfis=13640>> 09/05/22

²¹ <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=Beatles&pagfis=14212>> 09/05/22

²² – Acervo Biblioteca Nacional <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=Beatles&pagfis=14265>> 10/05/22

²³ – Acervo Biblioteca Nacional <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=Beatles&pagfis=14583>> 10/05/22

dito: “cabelos longos, ideias curtas”]. Não têm imaginação para vãos mais altos. A inteligência é tão mesquinha que apenas lhes permite o crescimento dos cabelos”²⁴.

Em 14-8-66, comentando a declaração de John Lennon de que o cristianismo estava em declínio e que eles (os Beatles) eram mais populares do que Jesus Cristo, o jornal profetiza a decadência do conjunto e afirma que “a sonoridade dos Beatles é espalhafatosa e esufiante. Mas é um som limitado a uma ínfima parcela de tempo. Pode diluir-se rápida e desaparecer definitivamente”²⁵.

Em 21-8-66, o jornal divulgou mais uma de suas fake news: uma suposta campanha (americana), convocando o povo cristão a fazer uma fogueira com os discos dos Beatles e construir um movimento para proibir a reprodução das músicas do grupo²⁶.

Em 16-10-66, sobrou até para o “rapazola” Roberto Carlos²⁷. No mesmo periódico o articulista diz:

Não há arte, não há melodia, não há graça. Há apenas cabelos compridos e urros. É um desvario. É uma epidemia de sandices. Essa juventude ficou assim, porque não teve pais, mestres, não teve leis, não teve polícia de costumes²⁸.

Em 20-4-69, os “Beatles não têm mensagem alguma a transmitir. Em outros tempos, não passaria o (seu) mau comportamento de uma molecagem, que se liquidaria com umas borrachadas, na zona de baixo meretrício”²⁹.

Considerações finais



<<https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/os-evangelicos-e-o-fetico-do-marxismo-cultural/>>

24 – Acervo Biblioteca Nacional
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=Beatles&pagfis=14593>> 10/05/22

25 – Acervo Biblioteca Nacional
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=Beatles&pagfis=14670>> 10/05/22

26 Acervo Biblioteca Nacional
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=Beatles&pagfis=14677>>

27 Acervo Biblioteca Nacional
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=Beatles&pagfis=14733>>

28 Acervo Biblioteca Nacional
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pesq=Beatles&pagfis=14733>> 10/05/22

29 Acervo Biblioteca Nacional
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829706&Pesq=Beatles&pagfis=15575>> 10/05/22

O que pudemos notar nesta nossa trajetória são diversas semelhanças entre o *catolicismo insaciável* do Jornal “A Cruz” e o *evangelicalismo insaciável* do atual governo. Uma luta contra a cultura, hoje, sob o rótulo de “marxismo cultural”.

Se há um tema que faz a cabeça de boa parte da liderança do segmento evangélico no Brasil hoje é o tal do “marxismo cultural”. Em linhas gerais, os líderes evangélicos brasileiros vivem uma ferrenha guerra cultural, lutando contra um inimigo imaginário que se levanta com o objetivo de destruir a família, corromper moralmente a juventude e desvirtuar o caráter das crianças³⁰.

Em uma reportagem da Folha de S. Paulo de 01 de maio de 2022, o articulista transcreve alguns vídeos do Pastor Silas Malafaia que são destinados aos jovens. Nestes vídeos, as eleições de 2022 aparecem como “uma guerra do bem contra o mal”. Artistas como Anita e outros são duramente criticados e demonizados e os jovens cristãos são convocados para uma guerra espiritual³¹.

Esses artistas estão usando a sua inocência para articular seus planos maléficis esquerdistas [...] Não se renda ao discurso bonito da internet [...] Nós somos o futuro da nação, e Deus nos convoca para essa guerra espiritual [...] Deus acima de tudo, Deus acima de todos³²

A ideia do “marxismo cultural”³³ adentrou o mundo evangélico, há cerca de cinco anos, advinda de setores mais tradicionalistas do catolicismo (como Padre Paulo Ricardo) e de alas ultraconservadoras do cenário político nacional. Como era de se esperar, os primeiros articuladores do conceito no cenário protestante, foram alguns teólogos calvinistas (Igreja Presbiteriana); depois outras igrejas protestantes históricas compraram a ideia, que logo foi seguida pelas igrejas pentecostais e neopentecostais³⁴.

Tudo muito próximo do que pudemos verificar até agora com nosso periódico A Cruz, também ele sistematicamente anticomunista (vendo “comunismo” em toda parte).

O jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro foi um dos mais proeminentes representantes da ‘boa imprensa’ católica, contribuindo de forma fundamental para a difusão de um discurso católico que buscava combater inimigos como o comunismo e os próprios ideais da modernidade, configurando-se como reprodutor de um discurso antimodernismo com destaque para o anticomunismo que possuía grande espaço nas folhas do jornal (OLIVEIRA, 2019).

Em 18-5-69, o Jornal A Cruz diz que as badernas dos estudantes baseiam-se nos Beatles e no mesmo momento celebram o Ato Institucional número 5 - AI-5 (o

³⁰ <<https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/os-evangelicos-e-o-fetico-do-marxismo-cultural/>> 10/04/22

³¹ <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/05/pastores-fustigam-comunismo-e-anitta-para-vender-bolsonaro-a-eleitorado-jovem.shtml>> 10/05/22

³² <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/05/pastores-fustigam-comunismo-e-anitta-para-vender-bolsonaro-a-eleitorado-jovem.shtml>> 10/05/22

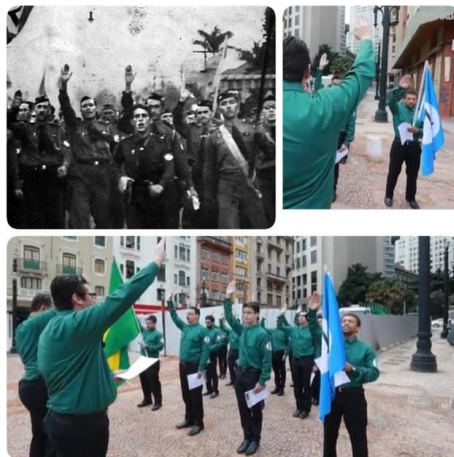
³³ O conceito chegou ao Brasil aproximadamente no início dos anos 2000, por intermédio do guru do atual governo Olavo de Carvalho (1947 – 2022). A narrativa deste pensamento é que a revolução marxista (ou seja, comunista) está em operação hoje no Brasil através da cultura.

³⁴ <<https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/os-evangelicos-e-o-fetico-do-marxismo-cultural/>>

artifício mais violento da ditadura militar): “com um simples Ato Institucional, acabaram-se as passeatas e as badernas nas faculdades”³⁵.

Do mesmo modo, alguns seguidores do atual governo Bolsonaro, com grande apoio dos evangélicos, pedem a intervenção militar e a volta do Ato Institucional número 5 – AI5.

Também se repete hoje a invocação do lema, originalmente slogan integralista, “Deus, Pátria, Família”, recorrentemente esgrimido por “A Cruz”. É interessante a observação de Rodrigo Coppe:



O conhecido lema “Deus, Pátria e Família” teria uma longa vida na história política brasileira, chegando até aos dias de hoje, como se pode notar nos discursos de apoio ao projeto de Jair Messias Bolsonaro. Para além desses elementos, o tom messiânico que atravessa o movimento e se concentra na imagem de Plínio Salgado, compreendido como um profeta, é outro aspecto que salta aos olhos [...] O líder integralista sempre se apoiava no catolicismo em momentos difíceis, usando-o instrumentalmente com o intuito de justificar as suas práticas. O uso de elementos religiosos, mesclando-os aos políticos, é recorrente na história republicana brasileira. O intuito é oferecer às massas uma doutrina política mais palatável, apelando aos substratos do imaginário que carregam a partir de suas próprias experiências³⁶.

<<https://estadodaarte.estadao.com.br/camisas-verdes-resenha-caldeira-goncalves-coppe/>>

Neste artigo, além de recolher um referencial teórico para focar as espúreas misturas de religião e política (de ontem e de hoje), procuramos trazer a discussão para o plano concreto, manifestando as diversas semelhanças entre o catolicismo insaciável de “A Cruz”, com o evangelicalismo insaciável do Brasil de hoje.

Referências Bibliográficas

A CRUZ. Coleção completa do jornal católico “A Cruz”, que se encontra na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – < www.memoria.bn.br > acessado em 2022.

³⁵

Acervo

Biblioteca

Nacional

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829706&Pesq=Beatles&pagfis=15599>> 10/05/22

³⁶ <https://estadodaarte.estadao.com.br/camisas-verdes-resenha-caldeira-goncalves-coppe/>

FISCHMANN, Roseli (org.). *Estado laico, doutrinas religiosas, cidadania e educação*, Universidade Metodista & CNPQ, São Benardo do Campo: Ed. Metodista, 2015

LAUAND, Jean & HIROSE, Chie. “*Catolicismo insaciável*”: dos dogmas às representações sociais. *Revista Educação e Linguagem da Universidade Metodista/SBC* – volume 15, número 25, ano 2012 - < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/3353/3074>> acessado em 2022, Ano 2012

LAUAND, Jean & HIROSE, Chie. *Problemas para uma educação católica no século XXI*, In: LAUAND, Jean & HIROSE, Chie (org.). *Filosofia e Educação da Pós - Graduação à Educação Básica, um tributo (em homenagem ao Dr. Enric Mallorquí-Ruscalleda, professor universitário, hispanista e editor)* São Paulo, julho 2017, Centro de Estudos Medievais - Oriente & Ocidente - EDF/FEUSP, Universidade de São Paulo Universidade do Porto - Faculdade de Direito - Inst. Jurídico Interdisciplinar Libros Pórtico Zaragoza, 2017 < <https://www.jeanlauand.com/LibroZaragoza.pdf> > acessado em 2022, Ano 2017

LAUAND, Jean. *A Álgebra como ciência árabe*, In: *Filosofia, linguagem, arte e educação: 20 conferências sobre Tomás de Aquino*. São Paulo: Factash Editora, 2007

MARÍAS, J. *Sobre el Cristianismo*, Barcelona: Planeta, 1998

MIRANDA, Júlia. Estado laico no Brasil: entre sofismas e ambiguidades, *Revista Cultura & Religión* 7 (2), 69-85, 2013

NÊUMANNE, José. *Bolsonaro é humano, não mártir*, *Jornal Estado de São Paulo*, 15/07/2021

OLIVEIRA, Pedro Filipe Barros. *Os arquitetos da neocristandade: análise da atuação de intelectuais convertidos e leigos na construção do espaço social católico centrado no Rio de Janeiro (1930 – 1935)*. Dissertação de Mestrado apresentada no Curso de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2019

PERISSÉ, G. “O fanatismo religioso é um ateísmo”. **Correio da Cidadania** 04/09/2007.

http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=809:perisse040907&catid=18:gabriel-perisse&Itemid=95 (acesso em 21/09/22).

RANQUETAT JR., César A.. LAICIDADE, LAICISMO E SECULARIZAÇÃO: DEFININDO E ESCLARECENDO CONCEITOS. *Revista Sociais E Humanas*, 21(1), 67–75, <<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/773>>, 2009

VEJA, Revista Veja, < <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/governo-cita-deus-e-recusa-lei-rouanet-para-festival-de-jazz-na-bahia/> > - acessado em 15/02/2022 - documento de julho/2021

Recebido para publicação em 11-07-22; aceito em 14-08-22